



Editorial

O número que ora apresentamos é bastante representativo do escopo de nossa revista. Isto porque tivemos a satisfação de receber contribuições diversas de estudos de religião que afirmam tanto a variedade quanto a necessidade de conhecimento e aprofundamento em novas temáticas e abordagens metodológicas nesta área acadêmica. Assim, neste número, transitamos entre o rico campo religioso brasileiro com seu peculiar sincretismo e pluralismo, passamos pela história dos estudos de religião, a partir do ensino religioso no Brasil, nos aproximamos dos mitos nórdicos que, inclusive, têm encontrado significativo espaço neste atual campo religioso através dos novos movimentos religiosos, respiramos um pouco com abordagens relativas a religiões orientais e ganhamos um pouco mais de força para a discussão dos estudos de gênero na atualidade.

Na primeira seção temos o dossiê Religião e Natureza, estimulado pelo Prof. Manoel Moraes, da Universidade Estadual do Pará, e que reúne estudos relativos aos usos e expressões da natureza na vivência religiosa. São três artigos que ressaltam o encontro humano com o sagrado, manifesto através da instrumentalização da própria natureza selvagem, como no trabalho do Prof. Emerson Sena e de Dayana Silveira; da representação desta natureza em altares religiosos produzindo uma arte sacra, demonstrado no trabalho de Francisco Augusto Paes; e da expressão ontológica humana a partir do refinamento da natureza por meio de uma flor, na discussão de Mônica Hortegas. Esses estudos ensejam o conhecimento e a abertura para novos horizontes de leitura e pesquisa, tendo nas temáticas e nas metodologias empregadas importantes parâmetros a serem seguidos.

A seguir, na sessão de artigos de temática livre, temos em um primeiro bloco três textos que abordam temáticas relativas à religião formal, problematizadas a partir da questão da diversidade, identidade e constituição

religiosas em três casos analisados. O primeiro artigo, do professor Zama Nascentes, trata da análise de uma produção televisiva que frequentemente abordou temas religiosos e de gênero. Para tanto, o autor munuiu-se do enredo dessa produção para, tendo na referência teórica de Lísias Negrão, descortinar significados intercalados relativos à diversidade religiosa brasileira. O segundo artigo, de José Pedro Simões Neto, tratou mais objetivamente da religião espírita, discutindo os elementos inerentes à identidade desta religião, tomando por parâmetro os nomes de instituições brasileiras e portuguesas, permitindo estabelecer características peculiares a cada país no implemento do Espiritismo. Por sua vez, o artigo elaborado por Leandro Oliveira, Maria das Dores Loreto e Haudrey Calvelli traz uma abordagem histórica do fenômeno pentecostal intentando registrar a trajetória e o sentido desta religião na experiência brasileira.

Em uma abordagem histórica, objetivando compreender a identidade do componente curricular Ensino Religioso, o professor Sérgio Junqueira traz um estudo histórico-analítico das produções científicas sobre essa matéria, analisando oitenta e quatro anos de publicações referentes aos aspectos legais, metodológicos, às propostas de conteúdo, à formação de professores e às questões relacionadas ao ensino-aprendizagem do Ensino Religioso. Trata-se de uma contribuição significativa, notadamente quando a temática é tida atualmente como objeto de debates em diversas esferas da sociedade. E uma volta aos constituintes desta matéria, tomando por referência suas publicações em periódicos, auxilia no processo de compreensão e discussão da disciplina no âmbito escolar, portanto, no espaço público.

Formando um novo bloco de temas correlatos estão reunidos artigos que abordam estudos de religião relacionados a culturas não hegemônicas em nosso país, mas essenciais à compreensão de fenômenos religiosos que guardam semelhanças muito próximas aos vivenciados neste lado ocidental do mundo (tomando a perspectiva geográfica). Temos um texto de Leandro Oliveira que analisa um aspecto da mitologia nórdica (Náströnd – dentro desta mitologia seria um local onde as almas sofreriam) enquanto promotora de uma cosmovisão que norteia a cultura escandinava em relação à vida após a morte, com significados muito comuns também à cultura religiosa deste lado do mundo. A seguir, Matheus Carvalho prossegue apresentando seus estudos sobre o hinduísmo, tendo nas *Leis de Manu* seu objeto precípuo de análise, verificando a

funcionalidade dessas leis em dimensões religiosas e seculares da sociedade védica, apesar do constitutivo ascetismo renunciante hindu. Nestor Figueiredo, por sua vez, traz um texto descritivo sobre o budismo Yogacara, ressaltando acontecimentos e aspectos teóricos fundamentais relacionados a esta forma de pensamento centrado na mente, tendo na tradição budista Mahayana seu parâmetro precípua. E em uma perspectiva prática, Roberto Simões discute como o ioga, enquanto componente da religião hinduísta, apresenta-se contemporaneamente com usos dentro da fisiologia biomédica apontando para a formação de uma nova representação religiosa que tem nas práticas terapêuticas espirituais orientais uma ressignificação simbólica.

Complementando a temática livre deste número, Nelson Lellis Rodrigues discute um excerto do texto bíblico cristão, problematizando-o a partir da teoria bourdieusiana da violência simbólica em torno da questão da construção do papel da mulher na tradição cristã. Para tanto, chama de “mini-evangelho” a narrativa bíblica sobre a mulher adúltera a fim de demarcar o início da dominação masculina na tradição religiosa brasileira. Tomando também a referência bíblica, contudo na perspectiva da tradição rabínica, portanto da bíblia hebraica, Daniela Guertzenstein discute uma abordagem acerca da literatura judaica na justificação e legitimação simbólica na construção dos discursos de autoridades literárias e lideranças comunitárias presentes neste texto sagrado, intentando apresentar a evolução da exegese bíblica hebraica, tendo como referência a literatura rabínica.

O presente número se encerra com a seção de resenhas, tendo contribuições do professor Helmut Renders e de Otávio Costa.

Agradecemos a todos que colaboraram com este número, dignificando nossa revista com seus trabalhos de avaliação, revisão e formatação. Agradecemos também a você, leitor, que busca se atualizar nos estudos de religião a partir das produções aqui publicadas. Desejamos que tenham uma ótima leitura!

Com um abraço, em nome da Comissão de Redação da ABHR,

Ismael de Vasconcelos Ferreira